

Análise: após eleições, País só será viável com povo fiscal dos poderes

Com a polarização na disputa eleitoral, professores afirmam que o próximo governo será muito cobrado, independentemente de quem vencer



THIAGO NAVARRO

A população elegerá, dentro de uma semana, o novo presidente do País e, em alguns estados, haverá o segundo turno para governador, caso de São Paulo. Mais do que apenas ir para a votação, as pessoas deverão fiscalizar os novos ocupantes desses cargos a partir do ano que vem. O JC entrevistou o cientista político Bruno Pasquarelli, professor da Universidade do Sagrado Coração (USC), e a professora de História Sonia Mozer, do Colégio Rembrandt COC, dois especialistas que estão acompanhando o processo eleitoral deste ano. A disputa acontece entre os candidatos a presidente Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT). Para o governo do Estado de São Paulo, concorrem João Doria (PSDB) e Márcio França (PSB).

Na avaliação de Pasquarelli, o papel da sociedade acabará sendo até mesmo de oposição, independente da opção do eleitor. “A sociedade deve fazer uma oposição conscien-



Para Sonia Mozer, debate político está sendo despertado

te. No dia seguinte da eleição, as pessoas devem ficar atentas como vai agir o eleito e, a partir do ano que vem, fazer uma oposição crítica, mesmo que seja o seu candidato que ganhe”, afirma. Mozer também diz que é preciso manter atuação constante de fiscalização. “As pessoas deverão fiscalizar o governo, seja o presidente, deputados, juizes, eles prestam serviços para a população. As pessoas deveriam usar o tempo que gastam com fake news para cobrar as autoridades, por meio da Internet, enviando pedidos de informação e atuando como fiscal das ações do governo”, cita.

Os dois professores veem ainda a necessidade de uma posição mais firme das instituições que atuam nos três poderes e da sociedade. “A gente tem mecanismos institucionais para evitar autoritarismos.

Caso o Jair Bolsonaro seja eleito, vai contar com o apoio do Congresso e tem boa parte das Forças Armadas com ele. Saber de fato como as instituições vão funcionar é importante. O Bolsonaro poderá até ter maioria no Congresso, mas terá que negociar. Eu acredito que as instituições possam evitar um autoritarismo, mas os cidadãos deverão fazer papel de oposição, seja qual for o presidente eleito. Se o Haddad for eleito, a esquerda deverá cobrar, se o Bolsonaro for eleito, a direita deverá cobrar, não importa, a população terá um papel muito importante em fiscalizar o governo a partir das eleições”, frisa Pasquarelli.

Na visão de Mozer, o teste das instituições já começou. “As instituições já estão sendo testadas, mas elas precisam de uma revisão. O Supremo Tribunal Federal (STF) e o



Bruno Pasquarelli: combate às fake news deve ser revisto

Congresso devem rever suas atuações, as instituições são dinâmicas e precisam se atualizar, respeitando a nossa Constituição, modificar se necessário e com a vontade popular, e não de maneira impositiva. A gente precisa garantir a cidadania e a República, mas que a gente reveja as instituições. Eu tenho medo de uma ruptura no processo democrático, porque há países com muito tempo de democracia e gente ainda está no começo”, lembra.

ECONOMIA

A política econômica do novo governo será outro ponto que ainda precisa de mais clareza, comenta Pasquarelli. “Nas propostas do Bolsonaro, o plano de governo na economia não é consensual na equipe dele. O Bolsonaro é nacionalista e o economista dele, o Paulo Guedes, é liberal. O PT

teve vários erros no programa, que acabam consertando ao longo da campanha, um deles a proposta de chamar uma constituinte. Claramente era uma ideia do PT e não do candidato. Eles acabaram tirando isso. Ou seja, faltou essa discussão. Há posicionamentos dos candidatos que não estão claros para a população. A gente não sabe qual o direcionamento que a economia vai ter se o Bolsonaro ganhar. Caso o PT ganhe, a gente sabe mais o que deve acontecer com as políticas de economia e relações internacionais. A grande parte das pessoas não sabe o plano de governo dos candidatos”, lamenta.

CIDADANIA

A professora Sonia Mozer vê o processo atual como positivo no aspecto de abrir discussão da política, mas negativo

pela falta de ideias. “O processo em termos de cidadania é positivo. As pessoas estão vendo mais coisas de política. Mas há os dois lados: o bom é que a população está sendo despertada ao debate político, contudo, as pessoas estão fazendo uma avaliação mais passional do que racional”, destaca.

Ela ainda cita a construção do processo democrático. “A gente ainda é uma nação quase analfabeta em consciência política, esse é um processo longo. Os países com uma convivência democrática mais antiga têm mais facilidade. A nossa República não veio acompanhada de democracia. A República Velha foi uma oligarquia. Depois, o Estado Novo com o Getúlio Vargas que foi uma ditadura, especialmente a segunda parte. Aí sim houve um breve período democrático de apenas 19 anos, com quatro eleições presidenciais. Mesmo nesse período, a gente teve um presidente que cometeu suicídio, um que renunciou e outro deposto por um golpe militar. Em seguida, foram 21 anos de ditadura. Uma geração inteira foi educada fora da democracia. Estamos vivendo de novo uma democracia há pouco mais de 30 anos. Ainda é um período muito curto se comparado a outros países. Ou seja, estamos sempre começando de novo”, considera.

Falta de propostas marca o pleito

A professora Sonia Mozer diz que a falta de propostas foi um problema dessa eleição. “Os candidatos a presidente apresentam intenções, mas não propostas de governo. São intenções gerais, sem de fato especificar o que vai ser feito. A impressão que dá é que a campanha se dirigiu a acusações, muitas delas sem fundamento, e o acusado se defendia e fazia outras acusações, e os grandes temas do

País foram esquecidos. Os candidatos não foram capazes de apresentar propostas, apenas intenções, fica difícil saber o que esperar”, elenca.

O assunto também é visto com preocupação pelo cientista político Bruno Pasquarelli. “As mídias sociais mudaram as coisas. O Bolsonaro foi bastante para a estratégia de usar mais a Internet, o WhatsApp, e a estratégia que ele mesmo

fala é de não participar de debates. O Haddad está com a tática de chamar para o debate. A questão é essencial em qualquer eleição. Houve o problema de saúde do Bolsonaro, um período de recuperação, mas agora ele está liberado. A política é feita de estratégias. Sempre vai ser pensado como se eleger, mas falta a apresentação de mais propostas dos candidatos”, considera.

Crise

A professora Sonia Mozer destaca a falta de representatividade de muitos partidos. “A crise política é porque a população não acredita mais no sistema político e as pessoas estão tomando decisões com raiva, o que é perigoso. Nas democracias com mais tempo, o governo em geral é dos centristas,

partidos que defendem o capitalismo, mas ao mesmo tempo têm uma preocupação social e garantem o mínimo. Nós temos um grupo de partidos que se convencionou ser denominado de centrão, mas não possuem esse perfil. São fisiológicos, na base do ‘é dando que se recebe’.

Disputa entre os candidatos

O cientista político Bruno Pasquarelli aponta o que levou ao momento atual da disputa eleitoral. “O fenômeno do antipetismo deve ser considerado. O PT é o partido com mais densidade na sociedade, tem um eleitorado fiel de 20% a 30% nas eleições, mas com tudo o que ocorreu nos últimos anos, o antipetismo veio forte e foi para um aspecto de intolerância. A credibilidade dos partidos de uma maneira geral também diminuiu. O eleitor do PSDB foi para o Jair Bolsonaro, mas a maioria não sabe a plataforma partidária do PSL. Não pode mais entender o voto do eleitor apenas na questão partidária e ideológica. O discurso anticorrupção foi a lógica buscada pelas pessoas. No caso do Bolsonaro, ele estava no PP, que é um dos partidos

que mais teve denunciado por corrupção, mas é algo pouco levado em conta”, entende.

Pasquarelli frisa ainda que o presidente eleito, seja qual for, enfrentará oposição da sociedade já no começo do governo. “Seja qual for o eleito, terá uma oposição de grande parte da sociedade. O País está dividido. Na composição do Congresso, a direita subiu. É uma posição mais conservadora, o que é mais favorável ao Bolsonaro. Mesmo assim, ele precisará negociar com o centro. O Haddad já teria mais dificuldade”, lembra.

As negociações entre os partidos vão continuar para garantir a sustentação do novo governo no ano que vem, diz Pasquarelli. “O eleito precisará considerar o apoio do centrão, que diminuiu, mas continua

com um bom número de deputados federais e o com o PSDB, que está com uma bancada bem menor e está rachado”, considera. “O PSDB foi o principal perdedor dessas eleições. O PT ainda continuou como maior bancada e o PSDB perdeu demais com a estratégia do impeachment. Eles se aliaram ao governo Temer. Se ficassem na oposição, a possibilidade de vencerem agora era grande”, analisa.

Mozer também disse que acredita em um Congresso mais favorável a Bolsonaro, o que pode ser ruim em termos institucionais. “Nós elegemos um Congresso que aparenta conservador e vai ser eleito um presidente que deverá governar com essa formação. Se o Bolsonaro for eleito, deverá ter maioria”, diz.

Fake news e o trabalho do TSE

O cientista político Bruno Pasquarelli cita que o combate às chamadas fake news deverá ser repensado e considera que houve demora e até omissão do Tribunal Superior Eleito-

ral (TSE). “Fake news é o fenômeno a ser destacado nessas eleições, a troca de mensagens de WhatsApp. As pessoas enviam ser pesquisar. O combate da fake news será algo fundamen-

tal para as futuras eleições. O TSE deverá combater com mais rigor e foi omissa desta vez. O TSE ainda está aprendendo, mas demorou muito para agir”, finaliza.

O PRAZER DA VARIEDADE NO SEU PRATO

TODOS OS DIAS DAS 11h30 ÀS 14h30



RABADA



QUINTA



ESCONDIDINHO



SÁBADO



PAELLA



DOMINGO

FEIJOADA

4º e SÁBADO



Bonjardim
Restaurante

CHURRASCO GRELHADO TODOS OS DIAS

RESTAURANTE & COSTELARIA SELF-SERVICE POR QUILO
Nações Unidas, 33-16 - F: (14) 3227-1441
ACEITAMOS: Cartões de Crédito, Débito e Vale Refeição